

## A ELEVADA PREPONDERÂNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO IDOSA CORROBORANDO PARA POLIFARMÁCIA

Rebeca Luna Tavares<sup>1</sup>  
Maria Clara do Nascimento Braga<sup>2</sup>  
Maria Eduarda Maracajá Soares<sup>3</sup>  
Audevane Matias Barbosa<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

O Estatuto do Idoso define como idosos pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (CONSTITUIÇÃO, 2003). O que se pode afirmar é que envelhecer é um processo inevitável e progressivo, repleto de mudanças biológicas (DA SILVA; et al, 2023) como, por exemplo, diminuição do fluxo sanguíneo, redução da frequência cardíaca máxima, do débito sanguíneo e principalmente diminuição da função renal e hepática. Pelas mudanças nas funções do organismo a automedicação pode ser perigosa, pois tende a mascarar sintomas iniciais de doenças que podem ser fatais nessa faixa etária (GRANDO, Allyne Cristina; et al, 2022).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o uso racional de medicamentos é caracterizado pela adequação do fornecimento de medicamentos aos pacientes, de acordo com sua situação clínica, considerando doses e períodos apropriados e os custos individualmente e para a comunidade. Diante disso, quando não prescrito e utilizado corretamente, um medicamento pode ocasionar prejuízos ao paciente, configurando uma iatrogenia, ou seja, uma condição adversa.

A polifarmácia, segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2017), é o uso rotineiro e concomitante de quatro ou mais medicamentos (com ou sem prescrição médica) por um paciente. É importante ressaltar que o uso de medicamentos em idosos tem suas restrições e recomendações necessárias a serem seguidas a partir de consulta médica, e essas recomendações devem sempre ser reforçadas para que não haja um índice de automedicação sem necessidade (SACRAMENTO FILHO, Juvenal et al., 2022).

De acordo com (SILVA et al., 2019; BEZERRA et al., 2019), a literatura já aponta para uma associação negativa entre idade e o uso de medicamentos no Brasil, apresentando

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes- FITS, rebecatavaresgat@outlook.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes- FITS, clarabraga2311@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes- FITS, dudamaracaja2@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Especialista em Docência para Educação pelo Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, audivanematias@yahoo.com.br;;

crescimento constante de acordo com a faixa etária, com prevalência de aproximadamente 90% em pessoas com 80 anos ou mais. Ao considerar esta grande demanda de medicamento, sobretudo na população geriátrica, observa-se a incidência de eventos adversos reflexo da utilização mais frequente desse grupo e comprometimentos no contexto familiar, físico, cognitivo e socioemocional.

Desse modo, o objetivo desse estudo é discutir acerca da automedicação e os impactos desta nos idosos. Com intuito de informar e conscientizar acerca dos malefícios da automedicação no âmbito da saúde farmacêutica geriátrica.

Diante desse contexto, com o objetivo de aprofundar de maneira eficaz no tema, realizou-se uma análise bibliográfica, utilizando artigos recentes dos últimos 5 anos provenientes de fontes confiáveis. Essa abordagem visa a elaboração de um trabalho abrangente e de alta qualidade, com a perspectiva de contribuir para o conhecimento de toda população.

Assim, o presente estudo refere importantes contribuições no âmbito da saúde geriátrica, diante de uma análise detalhada sobre a supracitada associação entre automedicação e polifarmácia na população idosa.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A metodologia utilizada foi do tipo revisão bibliográfica. Para coleta das informações foram utilizadas as bases de dados SCIELO, BVS e GOOGLE ACADÊMICO utilizando os descritores “Automedicação”, “Polimedicação” e “Pessoa idosa”, conforme DeCS, fazendo o cruzamento dos descritores a partir do uso do operador BOOLEANO “AND”, priorizando artigos publicados entre 2018 a 2023 nos idiomas português e inglês, e a partir de sua análise na íntegra, foram selecionados 13 artigos que contribuíram para a elaboração descritiva deste trabalho.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Brasil tem hoje cerca de 16 milhões de idosos e até 2025 serão cerca de 32 milhões. Apesar dos efeitos inerentes que as mudanças orgânicas decorrentes do envelhecimento ocasionam, a intervenção farmacológica é, ainda, a mais utilizada para o cuidado da pessoa idosa (CARNEIRO et al., 2018).

A utilização de medicamentos pelos idosos torna-se ainda mais problemática quando se trata da automedicação. Embora essa prática seja comum no mundo todo, as causalidades são diversas, visto que ela é influenciada por variáveis socioculturais. Dados epidemiológicos do Brasil mostram que 80 milhões de pessoas têm o hábito de se automedicarem, e os idosos fazem parte dessa estatística (MUNIZ, Elaine Cristina Salzedas et al, 2019). Assim, o acelerado processo de envelhecimento, a redução da expectativa de vida, e as alterações epidemiológicas, podem levar a maior prevalência de doenças crônicas, e com isso, há elevação do consumo de medicamentos incluindo a utilização de multi fármacos(polifarmácia) na população idosa (LOPES, Júlio César Vasconcelos et al, 2022)

As variações fisiológicas relativas ao envelhecimento tendem a alterar expressivamente a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos. Em razão disso, pessoas idosas apresentam maior sensibilidade aos efeitos terapêuticos e adversos dos fármacos, o que em muitos casos pode causar mais dano do que benefício. (PEREIRA et al., 2021; PERES et al., 2021).

Considerando as informações apresentadas anteriormente, é pertinente aprofundar a investigação sobre automedicação, uma vez que pode contribuir para a polifarmácia, algo que tem implicações substanciais na qualidade de vida da parcela mais idosa da população.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O relatório do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) de 2012 demonstra que aproximadamente 30% dos casos (27.008) de intoxicações registrados são resultado do uso de medicação, sendo 826 destes relacionados à automedicação. (GUSMÃO, Ezequiel Cássio et al, 2019).

Para entender sobre o uso da automedicação e da polifarmácia pelos idosos é necessário entender as suas causas. O envelhecimento ocasiona perda progressiva da capacidade funcional dos tecidos ativos no organismo e como consequência ocorre o aumento do uso de medicamentos, prevalência de doenças crônicas e internações hospitalares. O uso de medicação pelos idosos é descrita como alta no Brasil e no mundo (CAMPOS, Alan Alves et al, 2022).

Sabe-se que o risco de efeitos adversos reações medicamentosas com o uso concomitante de dois medicamentos é de 13%, se cinco, o percentual chega a 58%, e chega até 82% quando a farmacoterapia é de sete ou mais itens. (FLÁVIA et al., 2021; PAULA et al., 2021). Diante do exposto, fica evidente que a polifarmácia deve ser considerada um importante problema de saúde pública devido a probabilidade de agravos das morbidades e aumento da

mortalidade. É necessário que, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS), sejam planejadas estratégias focadas no cuidado do uso de medicações, principalmente não prescritas.

Para Garcia (2018), os fatores mais comuns que influenciam para uso da automedicação são as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, sobras de tratamentos anteriores, propagandas de medicações, conselhos sobre medicação vindo de terceiros e leigos no assunto. Das desvantagens que isso pode trazer estão as intoxicações e interações medicamentosas, gastos desnecessários, erros ou atrasos nos diagnósticos, resistência antimicrobiana e até o óbito (GRANDO, Allyne Cristina et al, 2022). Dessa maneira, observa-se o potencial risco da automedicação, contribuindo para um cenário contínuo e alarmante no contexto social do país, no que diz respeito às mudanças no processo de envelhecimento.

Outrossim, os medicamentos frequentemente relacionados com a automedicação na população idosa, estão inseridos os anti-inflamatórios e analgésicos. Nesse contexto, estudos nacionais e internacionais também têm demonstrado que a prática em questão estaria mais frequentemente associada à presença de sinais e sintomas de característica aguda, como dor e febre, sintomas comuns nessa fase da vida (CAMPOS, Alan Alves et al, 2022).

O uso dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), por exemplo, muito utilizados pela população e na prática clínica, apresenta riscos que o público leigo, desavisado, se expõe pelo próprio uso rotineiro. Dentre os principais efeitos prejudiciais está a irritação da mucosa gástrica, decorrente da inibição não-seletiva das ciclo -oxigenases, enzimas responsáveis pela produção de prostaglandinas cuja função, dentre outras, é a proteção da parede gástrica dos efeitos corrosivos do próprio ácido clorídrico estomacal. (BATLOUNI, 2010).

Os próprios analgésicos mais comuns, como a dipirona, também apresentam riscos, como o de intoxicação aguda e crônica, a depender do uso de doses descontroladas, podendo levar a taquipneia, sedação e hemossiderose em fígado e baço. Ademais, possui contraindicações comumente inobservadas, com alterações em medula óssea, gravidez e lactação (GRANDO, Allyne Cristina; et al, 2022). Nesse hiato, percebe-se a importância do profissional de saúde ao recorrer a medicamentos, buscando orientações apropriadas, com a prioridade de assegurar que o benefício supere qualquer possível malefício principalmente na população idosa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, constata-se uma evidente relação entre automedicação e a polifarmácia. Isso pôde ser comprovado por meio da leitura e análise de diversos artigos originais examinados na

elaboração da revisão da literatura. Dentro dessa abordagem, este campo de estudo ganha significativa relevância, dado que o processo de envelhecimento está em ascensão, exigindo uma análise mais cuidadosa das questões de saúde, sobretudo aquelas relacionadas à população idosa.

Ademais, é uma realidade no Brasil as práticas de automedicação irresponsável, resultado da falta de conhecimento somado a facilidade de obter certos medicamentos livres de receita, corroborando para maior exposição a eventos adversos, principalmente na faixa etária mais avançada e acentuando a polifarmácia, uma vez que o processo de senescência normalmente já implica em algumas medicações. É válido destacar a importância da conduta do profissional de saúde no que tange a abordagens com população idosa e seus cuidadores, com a realização de ações de educação em saúde moldando realidades problemáticas e garantindo maior qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Automedicação, Polimedicação e Pessoa idosa.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Jair Almeida et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos comunitários: estudo epidemiológico de base populacional. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 51, n. 4, p. 254-264, 2018.

SILVA, Islany Dynara Diogenes et al. Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde/Access and implications of self-medication in the elderly in primary health care/ Acceso e implicaciones de la automedicación en ancianos en la atención primaria de salud. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 2, p. 132-150, 2019.

STEIMBACH, Poliana Elis; BORTOLOTTI, Durcelina Schiavoni. Prevalência de polifármacos em idosos do município de Francisco Beltrão, Paraná. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 26, n. 2, 2022.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, p. 1-1, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/lei](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/lei)>. Acesso em: 02 agost. 2023.

GUSMÃO, Ezequiel Cássio et al. Automedicação em idosos e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 2, p. e191-e191, 2019.

GRANDO, Allyne Cristina; BECKER, THAIANE LUÍSA APARECIDA DE AZEVEDO. AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista Brasileira De Biomedicina**, v. 2, n. 1, 2022.

PEREIRA, Karine Gonçalves et al. Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, p. 335-344, 2017.

DA SILVA, Fernanda Oliveira; DA SILVA CARVALHO, Alcione. O CONSUMO DO AUTOMEDICAMENTO EM IDOSOS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 3399-3408, 2023.

CAMPOS, Alan Alves et al. Perfil dos medicamentos mais prevalentes na automedicação em idosos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, p. e181111436241-e181111436241, 2022.

DOS SANTOS CORRÊA, Maria Gabrielle et al. Triagem para desprescrição de medicamentos em idosos na Atenção Primária à Saúde. **Conjecturas**, v. 22, n. 18, p. 970-988, 2022.

LOPES, Júlio César Vasconcelos; DOS SANTOS, Lindayane Ferreira; TORMIN, Consuelo Vaz. Os riscos da polifarmácia na saúde do idoso: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2022.

SACRAMENTO FILHO, Juvenal; DE CASTRO, Vilani Pereira; DE CARVALHO ABREU, Clezio Rodrigues. A importância da atenção farmacêutica na polifarmácia em pacientes idosos. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 5, n. 11, p. 317-329, 2022.

MUNIZ, Elaine Cristina Salzedas et al. Automedicação por idosos usuários de plano de saúde suplementar. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 23-37, 2019.